This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

UC-NRLF
$B 182 752

RKELEY
BRARY
IVERSITY OF
ALIFORNIA

OS CRITICOS DO CANCIONEIRO ALEGRE

ERNESTO CHARDRON, EDITOR

CAMILLO CASTELLO BRANCO

Cancioneiro Alegre

DE POETAS PORTUGUEZES E BRAZILEIROS

COMMENTADO

Um volume de 560 paginas, 1$200 reis

HISTORIA E SENTIMENTALISMO

D. ANTONIO, PRIOR DO CRATO

EUSEBIO MACARIO!

ROMANCE REALISTA

Um volume, 800 reis

O CARRASCO

ROMANCE

Um volume, 500 reis

NOITES DE INSOMNIA

OFFERECIDAS A QUEM NÃO PÓDE DORMIR

12 volumes..... 2$400 reis

NO PRELO:

O ULTIMO MORGADO

DO

PAÇO DE CARUDE

ROMANCE REALISTA

CAMILLO CASTELLO BRANCO

OS CRITICOS

DO

CANCIONEIRO ALEGRE

Livraria Internacional
DE
ERNESTO CHARDRON, EDITOR
PORTO E BRAGA

M DCCC LXXIX

LOAN STACK

Porto : 1879 — Typ. de A. J. da Silva Teixeira, Cancella Velha, 62

PG9150
C332C3

ADVERTENCIA

Reproduzem-se em opusculo estes artigos para que fiquem como padrões da critica militante luso-brazileira em 1879. Da contextura da resposta deprehende-se a indole do ataque. Publicam-se no formato do Cancioneiro alegre a fim de se immortalisarem em meia encadernação barata as duas obras intimamente unidas pelo parentesco da chalaça. Ha uma jovialidade pantagruelica, ás vezes brutal, trocista, n'esta folia com os criticos: é que eu não podia dar-lhes a gloriola de sujeitos questio-

naveis a não ser para os apertar na torquez do ridiculo. Se escrevi uma phrase séria, circumspecta n'estas paginas e com taes adversarios, não morrerei sem protestar perante a posteridade que estava distrahido.

Até esta data não me sahiu critico aos futeis commentarios do CANCIONEIRO que ajuntasse á ignorancia a delicadeza, ou á injustiça a sciencia. Uns tolos, outros crianças, outros estupidos e maus. Com os segundos, dei testemunho de uma bondade seraphica, e de muita moral sã extrahida do velho THESOURO DE MENINOS, pelo que respeita ás malfeitorias indiciativas de mau caracter. Sim, eu não lhes fiz mal. Ouçam-me os manes do meu mestre de primeiras letras, e a sociedade protectora: Eu não fiz mal aos animaes.

Rasgaram-se sobre o CANCIONEIRO as cataratas de lama que prenunciam o diluvio das letras d'áquem e d'além-mar. — Que eu sahira a insultar a Idéa Nova no verso e no romance, porque a minha ignorancia me vedava as fronteiras que separam o velho roman-

tismo da elaboração dos processos que photographam a vida a um raio luminoso da sciencia. — Ignorancia de quê? das miserias indeclinaveis que elles chamam as podridões? das lagrimas a que elles dão como lenitivo a gargalhada do velho e safado diabo das lendas? Eu conhecia tudo isso sem expositores francezes. O que eu não podia era attribuir á physiologia, ao sangue, á fatalidade da raça, o que era da liberdade moral, do espirito, da educação, da consciencia, da responsabilidade. Eu ia mais para as lagrimas do que para as nauseas. Mas o estigma indelevel da minha ignorancia é o plangente estylo de 1840, a phrase sem o nervosismo, o resalto moderno, d'uma correcção velha e fastidiosa, com uns boleios portuguezes a trescalarem ao ranço das selectas. D'ahi, o chamarme desdenhosamente romantico o snr. R. Ortigão; e o snr. G. Junqueiro, o infante prodigioso, concedendo-me com magnanimidade alguma graduação na inactividade, reformou-me em « romancista subalterno »; ao passo que os seus admiradores me expungiam da faina das letras militantes, arranjando resenhas acin-

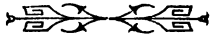
tosas de escriptores em que o meu nome nem sequer lograva entrar na obscuridade dos romancistas fallidos ou mortos com Arnaldo Gama e Rebello da Silva. Estas certidões de obito eram passadas pelos Johnsons e Planches que em Portugal são uns sujeitos que litteratejam chocados nas desovas d'um critico preclaro. Eu, na situação invejavel d'este egregio tambor-mór do criticismo, para não produzir d'aquillo, abstinha-me do magisterio — infecundava-me, fazia-me Cambalus ou Origenes intellectual. Isto é uma nação pequena de mais para monstros tamanhos em arrojos de instrucção primaria, palavra de honra! Elle, o pujante demolidor, com este cortejo de discipulos dá a lembrar um pomposo baleote á flôr da onda do mar alto com um cardume de carapaus que lhe vai na esteira ao lambisco das suas sobras de gorda pescaria. Que os vareje e sacuda com a cauda, e faça-lhes saber o grande critico que tem em si uma luz clara independente da opacidade nos outros planetasinhos subalternos.

Espantosamente se deu o caso de me sahirem

açulados uns fraldiqueiros — a cainçada que esburga o osso do noticiario. Se eu não fosse um homem tão alegre, tão reportado, tão transigente com as garotices d'este paiz de cocagne, com os seus soberanos litterarios de Yvetot, teria sossobrado a um sombrio desprezo e a um grande nojo d'elles e de mim por ter aqui nascido. Dizem-me que ha ahi uns sabios de reserva — os molossos de dentadura refilada, que hão de mais tarde explosir. Eu lhes envio d'aqui um suave pontapé ao deposito tympanitico das suas coleras. Rebentem.

S. Miguel de Seide, 1 de setembro de 1879.

C. Castello Branco.



I

O SNR. SERGIO DE CASTRO

É ESTYLISTA bilioso, explica-se azedamente, diz com afouteza grosseira o que sabe; mas acontece ás vezes não saber o que diz. Logo lh'o mostrarei.

Acha que eu «não tive habilidade nem paciencia para os apanhar no seu meio», os poetas, «para lhes reconhecer o merito, para lhes fazer justiça».

Se não os apanhei, foi realmente por ignorancia dos processos de apanhar poetas no seu meio. Se quer dizer que fiz uma cousa á tôa, sem classificações, sem jerarchias, sem a urdidura ideologica, philologica, scientifica em fim, com que os sabios com-

piladores costumam tecer os Cancioneiros, convenho e sustento que fiz o que devia para não destoar da adjectivação ligeira, popular e folgazã do livro. Grandes empolas de erudição reflexa e banal assopradas em um CANCIONEIRO ALEGRE seriam motivo para pôr nos olhos do leitor prantos inconsolaveis pelo seu quartinho. Queria talvez que eu me detivesse a esmiuçar o meio do provençalesco snr. Fagundes, como se elle, em seus dizeres cyclicos, se escondesse nas brumas de cinco seculos como o João Zorro do CANCIONEIRO DE D. DINIZ; achou por ventura que eu não averiguei se o carme eroticó de Junqueiro é evolutivo da *tençom* de Nuno Porco, coevo do rei lavrador. Não encontrou nos meus magros commentarios um lardo unctuoso dos Raynouard, de Bouterwek, de Bellermann, de Paulin-Paris, Sanches, Wolf, de Diez, de Duran, dos Sagas, das Niebelungen, do Arthur e do Saint Graal, de mosarabismo, de lingua d'Oc e lingua d'Oil. Não que eu tenho uma grande consideração pelos homens ousados que editam livros em Portugal. Faça o snr. Sergio de Castro um recheio d'essas cabedellas, de cousas e pessoas, de futilidades ôcas, de espalhafatos fôfos como instrucção, e soporosos como recreio; e arranje depois editor que é o mesmo que

arranjar um propinador de chloroformio e um bode expiatorio da vindicta publica. Ha ahi uns Cancioneiros enfronhados e abarrotados d'isso que cahiram do tedio universal ao *rabais* de alguns incautos particulares, e finalmente... triumpharam nas mercearias.

Arguiu-me de injusto.

Cuidava eu que escrevera o louvor da escóla nova elogiando Anthero de Quental, João de Deus, Fernando Caldeira, Duarte de Almeida, G. Crespo, Macedo Papança, quasi todos. Refugára apenas umas cousas

Besuntadas de porca modernice,

como diz o padre Francisco Manuel ao seu amigo Brito.

Allega o snr. Sergio que o descobrir *imitações* como a do snr. Guerra Junqueiro, é *denuncia torpe*. Este queixume denuncia tambem um secreto receio. Os confederados são uma jolda de salteadores de peregrinos francezes. Chamados á autoria, soccorrem-se com desfaçada indulgencia reciprocamente, e em beneficio dos réos testemunham que elles eram menores quando plagiavam, que tinham quatorze annos, e outras maravalhas.

A Idéa Nova não tem direitos a ser mais ladra que a velha. No CANCIONEIRO ALEGRE não ha denuncia nem torpeza. Ha um *memento,* um «lembra-te que és homem» do escravo ao cesar, um estorvo á philaucia insolente do *enfant-gâté* que fizera dos seus alexandrinos um latego com que andava destroçando poetas e prosadores dos seus dominios da Peninsula.

Denuncia torpe! Forte tolice!

O grammatico Aristophanes colligiu os roubos de Menandro;

Philostrato accusou os roubos de Sophocles;

Bayle aponta com infamia a HISTORIA DOS GODOS de Procopio roubada por Aretino Bruni;

Horacio delatou os plagiatos de Celso;

Os academicos de Paris accusaram Furetière de lhes roubar os seus trabalhos;

Cajot argue J. J. Rousseau de ter plagiado o livro DA EDUCAÇÃO;

Charles du Rosoir accusa de larapios Voltaire, Montagne e Charron;

La Harpe fulminou os plagiatos de Corneille;

O bispo Cenaculo accusa fr. Manoel dos Santos e Manoel de Faria e Sousa de plagiarios de fr. Bernardo da Cruz;

José Feliciano de Castilho diz que o padre João de Lucena se apropriou fraudulentamente do manuscripto das PEREGRINAÇÕES de Fernão Mendes Pinto;

Alexandre Herculano accusa Galvão, e Ruy de Pina, e Acenheiro de terem espoliado as primitivas chronicas manuscriptas de Fernão Lopes.

Alguem sahiu contra estes doutos malsins de ladrões chamando-lhes *torpes denunciantes?*

O plagiato é que é torpeza; e o doesto que me atira o snr. Sergio deixa de ser um convicio para se affirmar em mera parvoice.

Repugna-lhe, outro sim, que eu me referisse ao snr. Oliveira Martins chamando-lhe *um,* com desdem, e conclue ou que eu não lhe entendi os livros, ou que o meu desdem assenta em cousa peor. E diz: *Como o snr. Theophilo Braga e o snr. Adolpho Coelho e o snr. Joaquim* dos Musicos, *e outros muitos fallam bem do author do* Hellenismo, *o snr. Camillo considerou-se constituido na obrigação de dizer mal.*

Não soube o que disse o snr. Sergio de Castro.

Vou lembrar-lhe uma duzia de amabilidades que o snr. Theophilo Braga envia ao snr. Oliveira Martins,

author de um livro chamado Os LUSIADAS, etc. [1]

1.ª

O livro do snr. Oliveira Martins divide-se em cinco capitulos... escriptos n'aquelle estylo apopletico usado por Victor Hugo no estudo de Shakespeare... n'esse tom vacillante de quem se encosta aos adjectivos para dar fórma grammatical a um periodo que não tem idéa.

2.ª

O snr. Oliveira Martins nem pelo estudo nem pelo seu desenvolvimento intellectual estava ainda apto para escrever Os LUSIADAS.

3.ª

Depois d'isto falla-nos o snr. Oliveira Martins

---

1 Veja BIBLIOGRAPHIA CRITICA DA HISTORIA E LITTERATURA. Porto 1875, pag. 76-84

nas epopêas da India e prorompe com este monumental disparate historico, etc.

4.ª

Sem idéas definidas sobre historia ou sobre origens litterarias, o snr. Oliveira Martins atropella as descobertas da sciencia, etc.

5.ª

Faltam-lhe as minimas noções de historia litteraria.

6.ª

Podemos concluir que este primeiro capitulo é mal escripto sobre não ter sido pensado; é um pastel de idéas de Taine e de Lavelleye com aproximações de Quinet e lugares communs.

7.ª

Passemos um traço sobre estas palavras injustas dictadas pela ignorancia.

8.ª

Não contente com estas opiniões cerebrinas, diz-nos para cumulo de pasmo, que «Camões tinha o typo das mulheres de Ovar!» Céos, bem haja a tua magnificencia que sem adubos crias tão espontaneas vegetações!

9.ª

Levado pela imaginação atirou-se de encontro a um sedeiro; a intenção era boa; mas (empregando uma locução popular) querendo benzer-se, quebrou o nariz.

10.ª

Nunca um principio insensato foi mais espremido a dar as ultimas consequencias.

11.ª

Um livro que offerece estas qualidades póde-se dizer francamente que não presta.

12.ª

É isto o que dá a litteratura do folhetim e da academia, quando pretende participar da elaboração scientifica cujo espirito não comprehende.

Até aqui Theophilo. Agora uma só amabilidade de Adolpho Coelho que vale por todas do seu confrade.

1.ª E UNICA

O snr. Martins toma o mythico Esculapio, a concepção anthropomorphica das forças vivas da natureza sã (Preller) por um personagem historico como Hypocrates e Galeno, cujos escriptos chegaram até nós, mostrando assim uma ignorancia maior que a de qualquer estudante de latim que lê o seu Chompré. Vê-se que é absolutamente impossivel tomar a serio o seu livro, onde o author mostra que nem sequer aspirou a seguir o bom caminho. Se não fosse a incapacidade do publico em julgar estas obras, pediriamos ao snr. Theophilo Braga que reduzisse este seu artigo a um quarto para não gas-

*

tarmos tantas paginas da nossa revista com ruins obras [1].

Não sei o que disse do snr. Oliveira Martins o snr. Joaquim dos Musicos, idiota irresponsavel e tolerado em letras e artes. Se elle arreatou com Joaquim Theophilo e com o outro n'estas admirações, a glorificação do author do HELLENISMO é perfeita.

Dir-me-ha agora o snr. Sergio e quem isto leu qual é mais aggravante para o snr. Oliveira Martins — esse estendal de detracções rusticas que ahi fica, ou eu chamar-lhe *um*? Eu por mim preferia que me chamassem *um*, e talvez antes quizesse que me chamassem *nenhum*.

Já vê pois o critico do CANCIONEIRO ALEGRE que eu não desfavoreci o snr. Martins porque os snrs. Theophilo e Adolpho Coelho o favoreceram. Achei estolida a comparação do snr. Junqueiro com Jesus Christo, posto que a percebi nitidamente, se não me engana a vaidade. O snr. Martins compara o snr. G. Junqueiro a Christo na evolução ideologica do progresso: Jesus como emissario da lei nova, Junqueiro

[1] Obra cit., pag. 77, nota.

como installador da nova poesia — ambos Messias. E o snr. Junqueiro, tão enaltecido na comparação, nem por amor de si mesmo hesitou em comparar materialmente o Christo a um cão:

> E o rafeiro sublime, impassivel, sereno,
> Lançava o grande olhar ás negras trevas mudas,
> Com aquella amargura ideal do Nazareno
> Recebendo na face o osculo de Judas [1].

Quiz o snr. Sergio inculcar que a minha critica não era um acto de justiça espontanea, mas sim o artificio violento de odios pessoaes. Semelhante insinuação é uma brejeirice aggravada por ignorancia impia dos evangelhos do philisteu snr. Theophilo & C.ª

Mas em que maculei eu a virgindade litteraria do snr. Oliveira Martins antepondo-lhe o adjectivo numeral UM? Camões, cantando de Nuno Alvares, de Egas Moniz, de Fuas Roupinho, e de Duarte Pacheco Pereira, disse:

> Por estes vos darei *um* Nuno fero
> Que fez ao rei e ao reino tal serviço;

---

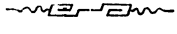
[1] A MUSA EM FÉRIAS, pag, 157.

> *Um* Egas e *um* Dom Fuas, que de Homero
> A cithara para elles só cubiço:
> .....
> *Um* Pacheco fortissimo, etc. [1]

E por causa d'este *um,* o snr. Sergio, parvoeirão como tres, chama-me *pedante.*

Não conheço palavra assás aguçada com que possa despicar-me d'este sujeito. Se eu confiasse na desforra da lei, chamava-o á policia correccional. Mas o melhor de tudo, snr. Sergio, é a receita de Garrett:

Em paz e ás moscas.



[1] Lus., cant. I, est. XII e XIV.

II

O snr. Carlos Lobo d'Avila [1]

A critica d'este litterato vem gravida de duas idéas superiores, boas e tão resolutivas que parecem de Taine. A primeira é chamar-me *velho* o snr. Lobo d'Avila. Este argumento fulmina — é um triumpho. A sua exactidão é tão impenetravel que eu só poderia questional-a com o sophisma da Agua Circassiana usada pelas familias principaes da Europa. A segunda formula é chamar-me *caturra*. Não exalçarei os gabos d'esta idéa até a considerar

---

[1] *Revista de Coimbra* n.º 1.

um raio luminoso do grande ôlho da primeira. Como accessorio de ôlho, parece-me secreção. Eu realmente não sou caturra. Estou ás avessas do que devia estar n'esta idade senil. Tenho vinte annos para sentir o que faz nervosismos e insomnias com o remoçar das bellas cousas da alma. Rejeito infelizmente tudo que poderia encher-me as noites de somnos sadíos. Leio com avidez o snr. Lobo d'Avila que me espertina, e não posso lêr com iguaes delicias Manoel Alvares Pêgas que me anesthesia o cerebro com as lethargias dos justos que dormem. Foi iniquo o snr. Avila.

Mas estão agora a pruir-me uns desejos de caturrar um pouco com o juvenil academico. Vou fazel-o para que s. exc.ª não se arrependa de ter adjectivado aos commentos do CANCIONEIRO ALEGRE um epitheto que não lhes quadra.

N'este primeiro numero da *Revista de Coimbra* está um artigo intitulado — *O assassinato individual e o assassinato collectivo*. É assignado pelo snr. Carlos Lobo d'Avila. Acho aqui duas linhas crespas de erudição que, pelo grosso cabedal de estudos velhos que representam, não parecem elaboradas n'um espirito juvenil. É isto: « *Panem et circenses* — bradavam os romanos da decadencia — *pan y toros* — ex-

clamam os hespanhoes d'agora». Aqui ha conhecimentos não vulgares; a citação tem tal qual novidade, a romana principalmente; mas o que não ha é exactidão. Em qual dos historiadores leu o snr. Lobo d'Avila que os romanos *bradassem* «panem et circenses»? Nenhum historiador o disse. Foi um poeta satyrico, Juvenal, (está o snr. Avila recordando-se) que, deplorando na satyra x a decadencia do povo, exclama: «Este povo que outr'ora dava imperios, fasces, legiões, tudo, eil-o impassivel, e só duas cousas com ardor deseja, *anxius optat,* pão e espectaculos».

..... nam, qui dabit olim
Imperium, fasces, legiones, omnia, nunc se
Continet, atque duas tantum res anxius optat
Panem et circenses.

Preferir, desejar, querer não é *bradar*. O snr. Avila dá ao simples reparo critico do poeta o vulto d'um successo social e historico, tendo em pouco a joeira exegetica por onde Michelet faz passar as tradições romanas quer sejam do visionario Livio, quer do austero Tacito. A escóla positiva impõe o dever de não dar fôro de historia a textos transtornados dos poetas.

O snr. Avila póde allegar que repetiu um erro muitas vezes reproduzido. Isso não é razão. Quem veio repurgar as sciencias historicas da bilis viciosa dos caturras, tem obrigação de corrigir erros que os caturras lhe communicam. Em summa, o povo romano o que mais queria (*anxius optat*) era pão e circo; mas não bradava por essas cousas.

Adiante.

Trata depois s. exc.ª de historiar as ultimas horas de Juan Oliva y Moncusi que tentou matar Affonso XII, e escreve:

«Ha vinte e quatro horas que esse homem, que «ahi passa, foi prevenido que, minuto por minuto, «só lhe restava esse espaço de tempo para viver. E «durante estas horas tremendas, que seriam para essa «consciencia como que *os cyclos terriveis do inferno* «*dantesco,* a sociedade representada pelos seus cér- «beros mais solicitos, espiou com uma curiosidade fe- «rina os transes dolorosos d'aquelle *martyrologio*».

Vá de caturrice.

Que intelligencia deu o snr. Lobo d'Avila áquelles *cyclos terriveis do inferno dantesco?* Será este *cyclo* o *kiklos* grego? Não me parece que s. exc.ª traduzisse o *cerchio* de Dante em *cyclo*. Todas as linguas

neo-latinas e teutonicas tem o *cyclo* como synonymo figurado de *periodo, espaço;* ao mesmo tempo que as velhas sciencias astronomicas tem o «cyclo dos gregos», o «das gerações», o «lunar», o «solar», o «dionysiano», etc., no seu genial significado. Figuradamente, dizemos *poetas cyclicos,* e *poemas cyclicos,* etc. O *cyclo dantesco* é determinado pela influencia que exerceu o grande poeta florentino com a reconstrucção da poesia amorosa pelo elemento da philosophia platonica, associando o amor do bello absoluto á poesia religiosa e galanteadora dos trovadores provençaes, catalães e sicilianos.

Tem o snr. Avila um bom exemplo do termo que lhe dá no *Preambulo* da *Revista* o snr. dr. Corrêa Barata: «*Os heroes* d'este cyclo anacreontico *foram* os redactores da *Folha*». Outro exemplo de um adoravel e já extincto redactor do *Instituto,* o dr. Vieira de Meirelles: *Ha na longa vida dos povos um* cyclo, *cujos historiadores se rastreiam pelo cunho de originalidade que os avulta.*

Se o snr. Avila, hellenisando, escrevesse *cyclo* como *circulo* alludindo á topographia do inferno de Dante, seria mais grego que o proprio snr. Viale que é grego até á medulla dos ossos — medulla feita do

mel do Hymetto condensado á temperatura de borracha — um favo colossal, todo elle, como é notorio. Pois o snr. conselheiro Viale, quando traduz Dante, diz *circulos,* e não *cyclos.* [1].

A meu juizo, se me permitte exhibil-o, o snr. Lobo d'Avila defrontando *as horas tremendas* do justiçado de Madrid com os *cyclos terriveis do inferno dantesco,* queria sopesar as angustias do padecente com as que soffrem os condemnados nos cyclos (periodos, prazos) da expiação infernal? Parece-me que estou ouvindo responder-me s. exc.ª:

— É isso mesmo, seu velho caturra!

Então, se é isso, não conhece s. exc.ª perfeitamente a legislação do inferno do Dante. Alli não ha cyclos, não ha periodos, porque o tempo não entra na eternidade. As dôres são eternas:

Per me si va n'ell' *eterno dolore.*

---

1 Assim desci do *circulo* primeiro
Ao segundo, etc.

Cant. v, nos Annaes das sciencias e letras, t. i.

Não ha esperança; quem a leva despoja-se d'ella á porta:

..... od io eterno duro;
Lasciate ogni speranza, voi ch' entrate.

Recorde s. exc.ª os primeiros tercetos do canto III.

*

Outra caturrice no mesmo periodo:

«Os transes dolorosos d'aquelle *martyrologio*», escreve s. exc.ª

O snr. Avila sabe que *martyrologio* decompõe-se em *martyr* e *tratado, historia,* ou *discurso* (*logos*). Quem diz *Martyrologio* diz *Historia dos martyres.* Ora, s. exc.ª com certeza não queria chamar a Juan Oliva *historia dos martyres;* aliás destoaria da seriedade melancolica dos seus dizeres n'esta phrase: «a sociedade espiou com uma curiosidade ferina os transes dolorosos d'aquella historia dos martyres». Logo, em vez de *martyrologio,* devia escrever *martyrio,* menos euphonico, mas incomparavelmente mais correcto.

Aqui tem o snr. Carlos Lobo d'Avila uma das vantagens da velhice sêcca sobre a litteratura verde. Quando s. exc.ª tiver os meus annos, não escreve d'aquillo. Jupiter lh'os prospere longos com Minerva propicia.

III

O snr. Mariano Pina[1]

Devo ao Cancioneiro alegre a satisfação de conhecer o snr. Mariano Pina entre os escriptores modernos. Eu não sabia nada das suas letras e pessoa. Se me não falla á mão, eu, com toda a certeza, sahiria d'este planeta sem conhecer as artes e manhas de um sujeito que é molecula do mesmo planeta — bem boa molecula, o snr. Pina.

Elle não é dos que mais ladram ao Cancioneiro

---

1 *Diario do Commercio* n.º 1:283.

ALEGRE. Vem á minha testada, acha o terreno trilhado, liso, calcado pelos seus congeneres; fareja, espoja-se á pressa, e, como Pina que é, vai pinotando pelas savanas do folhetim, como poldro indomito, sem rebenque nem chilenas, pelos pampas da America.

Diz que «*vergalhei* os modernos poetas». E mais nada que desafie o uso do instrumento de que se faz o azorrague que lhe serviu para aquelle verbo de cavalhariça. Eu nunca vi tal palavra fóra dos diccionarios, nem sei se o calão dos bordeis a usa. O snr. Pina, quanto a linguagem, sobre ser ignorante, é porco.

Mas ha mais extraordinarias anomalias n'este enxovêdo. Dá a noticia de ter apparecido um livro meu chamado SENTIMENTALISMO; e diz que é «um absurdo litterario, uma cousa que não se esperava de mim; que fiz uma parodia ao realismo; que quiz ter graça; que fiquei derrotado; que fiz mal ao publico que principia a bestialisar-se; que o SENTIMENTALISMO produziu o effeito contrario; que devo estar arrependido». Até aqui Pina.

Tudo isto era possivel; mas seria necessario que o livro existisse.

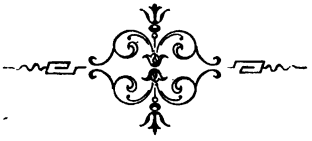
Effectivamente, ha de apparecer um livro intitulado HISTORIA E SENTIMENTALISMO; mas ainda está em composição de escripta e de prelo; vai-se compondo á medida que o vou escrevendo; são conhecidas d'elle duas paginas distribuidas pelo editor — o exordio da novella, uma cousa que não é parodia nem o intuito do futil escripto. Ora, como é que este lindo marôto fez a critica d'um livro inedito?

Explica-se; parece impossivel; mas explica-se.

Pina leu que sahira o SENTIMENTALISMO em alguma folha que inadvertidamente trasladou o titulo das paginas que recebeu. Entendendo que o romance estava publicado, julgou-se no direito de o deprimir sem o lêr. Não procurou vêl-o nem consultou quem o lesse. Existia o livro? logo — devia ser parodia desengraçada, acção má, bestialisadora. Aqui está a consciencia, a probidade litteraria do critico snr. Pina — do desgraçado. Se lhe disserem: «Deixe cá vêr o SENTIMENTALISMO que a sua critica esfolou», Pina responde que não o viu, que não conhece quem o visse, nem póde saber como foi que o leu; mas do que se lembra é que o SENTIMENTALISMO appareceu, e que é um aborto litterario, etc. E o publico: — «Dá cá o SENTIMENTALISMO, ó Pina!»

Esta originalidade canalha faria rir, se não exprimisse uma escassez de vergonha que roça pelo absurdo.

Este snr. Pina tem lesão cerebral. Deve haver com elle a indulgencia que se tem com os bebedos.



IV

Mariano (bis) Pina

O sembaborão respingou. Cada vez mais charro. É perfeitamente um sapateiro de mascara a dizer pilherias que tresandam ao cerol. Eu não o largo; porque a Providencia dos tristes, quando nos manda Pinas, abre-nos o thesouro das suas creações burlescas; mas, se eu tivesse o meu peculio de idiotas mais sortido, este Pina punha-o fóra com dous pontapés por associar a uma estupidez prehistorica uma indigencia de graça que faz hypocondrias.

Diz *que os meus livros vão ser vendidos a 80 reis o kilo; que estou velho e doente; que tenho bos-*

tellas, crôstas, pustulas, pus; que sou patriarcha d'uma escóla que desappareceu como ha 46 annos o governo despotico; que a escóla realista assistiu serena ao encovamento das meninas dos meus olhos.

Conta historias infantis de familia. Que quando tinha dez annos, lia os meus romances sentado no collo de umas tias. Como era precoce o gaiato! Aos dez annos já lia romances sentado no collo das tias! Eram umas tias, diz elle, que se alumiavam com candieiro de tres bicos, porque os meus livros são anteriores ao petroleo e ao gaz.

Pobres velhas tias com um mariola de dez annos no regaço! Como não havia de sahir palerma um madraço que aos dez annos cavalgava as pernas sovadas das boas das velhas!

A respeito das serêsmas das suas tias temos conversado. Estes Pinas, tanto os machos como as femeas, acho que eram uma curiosa familia de idiotas.

Diz que os meus romances são do tempo em *que as constipações se curavam com cozimentos de passas e chá de flôres de borragem e herva cidreira.* Este synchronismo tem uma profunda critica dysentherica. Para as constipações do snr. Mariano Pina, a veterinaria não tem adiantado nada: é o velho sede-

nho, exhalações de enxofre e pó do mesmo na maquia da fava.

Diz que me lastima *porque a sciencia augmentou, reformou-se,* e eu não sou da roda dos reformadores Eça de Queiroz, T. Braga, R. Ortigão, G. Junqueiro, B. Moreno. Alguns d'estes nomes, representativos de talento extraordinario, devem responder ao incenso de Pina como Horacio aos philtros de Canidia. Se tem olfacto latino, fareje o verso:

... displosa sonat quantum vesica, pepedi
Diffissa nate ficus.

Quanto ao «vergalhar», escreve: *Advirto-o, snr. Camillo, não lhe tolero nem lhe admitto que V. de uma fórma capciosa ponha em duvida a decencia das minhas palavras.* Se elle me tem fallado com esta intimativa no primeiro folhetim, se me dissesse positivamente que *não tolerava nem admittia* que eu lhe chamasse porco, póde ser que eu então hesitasse; mas já agora o desafôro não se remedeia; e em resposta á sua peremptoria admoestação chamar-lhe-hei dous porcos n'um só Pina; e, para não enxovalhar o nome de um jornalista e orador notavel, nunca lhe chamarei snr. Mariano: ha de ser *snr.ª Mariana.*

Tambem me dá um quinau em linguagem. Diz que eu, onde quer que fosse, escrevi — *bimbalhadas dos sinos*; e acrescenta: *Isto sim, que é decente, que é moral, que é delicado!*

Vou responder, mas não á snr.ª Mariana: é ao snr. Pinheiro Chagas, que em um folhetim antigo me malsinou aquella phrase, porque a considerou derivativa d'um vocabulo chulo que não estava na mente dos velhos escriptores portuguezes que a usaram. A phrase encontra-se na CHOIX DE PHRASES METAPHORIQUES, ÉLÉGANCES, IDIOTISMES, PROVERBES, etc., EXTRAIT DES CLASSIQUES PORTUGAIS LES PLUS ESTIMÉS por José da Fonseca, professor da lingua portugueza. Paris, 1857.

CONSTANCIO: *bimbalhada de sinos,* «o toque e estridor de muitos soando ao mesmo tempo».

FR. DOMINGOS VIEIRA: *bimbalhada de sinos,* «o toque de muitos sinos ao mesmo tempo».

ROQUETTE: *bimbalhada de sinos,* «som de muitos».

Não procede do termo vil que se figurou ao meu erudito amigo Pinheiro Chagas: é transplantação onomatopaica do francez: *Brimbaler, secouer des cloches.*

A phrase é precisa. Quando se quer dar uma idéa

remota dos folhetins de Pina, é preciso chamar-lhes uma *bimbalhada de asneiras.*

Mas, à final, quem me assevera a mim que existe este papa-fina de Pina que refina e se empina e apepina? Se não é um burro transcendente que faz metamorphose na chrysalida de garoto, então é um Pina que cultiva miseravelmente o primeiro anno de instrucção primaria e escreve: «É por tudo isto que eu tenho muito dó *de si*». *De si,* ó alarve! É incrivel que um pequeno que aos dez annos lia romances no collo das tias supra mencionadas sahisse tão adulta e descompassada besta!

V

Gaspar da Silva [1]

Elle enviou-me a carta impressa [2] que vende no imperio por cinco tostões, 15 paginas, uma ladroeira.

---

[1] Por um sentimento de caridade não direi os motivos que levaram um certo *Boaventura da Costa,* em Portugal, a chamar-se *Gaspar da Silva,* no Brazil. Quando se enfastiar d'esta chrisma deve chamar-se *Lazarillo de Tormes,* e depois *Gusman de Alfarache.*

[2] *Carta d'um emigrado ao snr. Camillo Castello Branco, a proposito do* Cancioneiro alegre. Rio de Janeiro, 1879. 8.º — 15 pag

Diz que, lendo o CANCIONEIRO:

está ameaçado d'uma indigestão;

que antes queria comer duas orelheiras de cerdo, com feijão branco e rodellas de paio, e beber uma canada do rascante de S. Miguel de Seide; (Quanto a beber eu lhe direi no fim).

que está repleto de gorduras nauseabundas;

que lhe dei um guisado de banhas suinas já rançosas;

que o CANCIONEIRO *é o livro mais indigesto que, nos ultimos dez annos, tem apparecido;*

que eu sou collega do Rosalino Candido de Sampaio e Brito;

que o CANCIONEIRO *é uma feijoada;*

e mais sordido que as frigideiras de Braga.

Depois, diz de si mesmo:

que escreve com uma correcção que muitos bachareis formados de cá e de lá invejam;

que os snrs. João de Deus, Anthero de Quental e Eça de Queiroz me serviram d'alvo a umas graçolas lorpas.

Finalmente, quando se lhe acabaram as imagens dos feijões, da cabeça de porco e do paio, começou a elogiar-se, o patife!

É um talento portuguez emigrado. Não quer que a patria lhe possua os ossos e a cascaria. Que pena se este Gaspar se estraga com a cachaça brazileira! Ó nosso irmão d'além-mar, Gaspar! venha, repatrie-se, recolha-se ao lar. Se aqui lhe não derem a posição que as suas letras reclamam, entretenha-se a cavar, no torrão natal, pés de burro: não precisa sahir da sua pessoa; cave-se nos pés como o pelicano no peito, e escusa de incommodar o Pina para excavações. Quanto á indigestão que lhe fez o CANCIONEIRO, snr. Gaspar, tome um vomitorio d'aquillo que Jehovah mandou comer a Ezequiel. Consulte a Biblia (Ezeq. c. IV, v. 12), e depois misture e beba.

VI

Arthur Barreiros [1]

Este sujeito escreve-me que tem uma excellente bengala de Petropolis com a qual me baterá, se eu fôr ao Brazil admirar os cerebros de tapioca. O mulato estava a brincar; elles teem a debilidade escangalhada do sangue espurio, escorrido das podridões das velhas colonias que de lá trouxeram á Europa a gafaria corrosiva; ás vezes excitam-se bastantemente com cerveja ordinaria, teem então impetos immoderados, dão guinchos, fazem ca-

---

[1] O Cancioneiro alegre de C. Castello Branco. Rio de Janeiro. 1879. Carta — 8 pag.

retas, coçam as barrigas, exigem banana, cabriolam se lhes atiram ananaz, e não fazem mal á gente branca.

Eu lá vou brevemente, resolvido a dar-lhe nozes e caçal-o no cabaço. Se me sahir um mono vulgar, pacifico, o *simia satyrus* de Cuvier, com o focinho proeminente, sem nadegas, sem unhas nos pollegares dos pés, tenciono trazel-o commigo para me desforrar das despezas da viagem. Ha de chamar-se Simão Arthur, seu pandego! Hei de mostral-o na feira de Belem a pataco; para soldados e crianças vinte reis. Se me sahir feroz, de bochechas papudas, focinho longo e crista nas sobrancelhas, emfim, um cynocephalo, então faço-o rebentar com tres pontapés d'um pujante carroceiro do Minho, e mando-o empalhar ao Justino de Jesus Caxias, da rua dos Invalidos. Ouvirei a opinião dos doutores Pereira Neves e Sousa Lemos, medicos da policia. Se elles me disserem que o macaco, apesar de empalhado, fede em viagem, limitar-me-hei a esfolal-o e trago a pelle. Se o snr. Paiva Raposo, que faz collecção de folles de quadrumanos mamaes, não tiver a especie, doulh'a. Elle tem o macaco longimano (o *simia lar*); tem o cinzento (*simia cinera*); tem o chimpanzé (*si-*

mia troglodytes); tem o saitaia do Pará, o mico, o mariquinha do Maranhão, tem os variados monos patazes de nadegas callosas e cabeça chata; possue com grande estima o papião, o mandril, o bugio pongo, os diversos macacões garibas de rugido medonho e tambor osseo na guela: falta-lhe o gorilha-Arthur, o *simia-azinus* de Buffon.

*

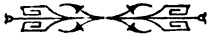
Eu, antes de conhecer este mestiço, era da opinião de de Candolle, de Flourens, de Blainville, de Milne Edwards a respeito da immutabilidade de cada especie e da unidade objectiva. Não podia admittir Lamarck resuscitado em Darwin, nem a theoria das gerações espontaneas do americano Hudson Tuttle, no *Arcana of nature or the history and laws of creation*. Figurava-se-me um paradoxo scientifico que o homem fosse um macaco aperfeiçoado. Parecia-me isso tão absurdo como poder sahir o boi da rã, e a aguia dos Alpes d'um badejo que se transformou em ave por se vêr embaraçado nos arbustos da praia. Hoje abundo nas theorias que refuguei; creio que o homem é o macaco aperfeiçoado, excepto quando é a

imperfeição do macaco. Esta segunda hypothese verifica-se quando Arthur faz esgares de bugio com a bengala de Petropolis através do Atlantico; porque n'esse caso a sua imperfeição de mono está na tolice; que o macaco — sejamos justos — póde fazer acções deshonestas, lascivas; mas não é tolo. Arthur como macaco é imperfeito: está no penultimo avatar; ainda lhe falta uma ou duas transformações que o limpem. Como homem selvagem, Arthur, á parte o nome romantico que lhe deram na pia, devendo chamar-se Tujucane ou Jararáca, é um tapuia caápora degenerado. Elle já sente as mãos a fazerem-se-lhe pés, e os pollegares a separarem-se; o focinho vai gradualmente retrahindo-se, e o carão faz-se-lhe mais vertical; os sorrisos ainda não são caretas bem accentuadas; custa-lhe a ter-se verticalmente; faz dyspepsias de mandioca, sente impetos de trepar aos cajueiros, e faz tregeitos de querer enroscar o rabo em bengalas de Petropolis. Tal é elle.

Se o fulo mulato ainda tem algumas tradições glossologas dos velhos guinchos articulados dos seus antepassados, deve perceber a lingua tapuia. Eu preciso de lhe dizer duas cousas em resposta á sua carta; mas corre-me o dever de lh'as communicar em

linguagem pouco sabida na Europa. Veja se entende: —*Indê gpé saravaia tapirá, turusu maranhave busapu. Taiassé, nhamim nhapunguará xenaxatupê.* Assim se exprimia o seu decimo avô, o botocudo, pintado com rajas de urucú e genipapo, e tinha botoque de pau no beiço e nas orelhas, e comia o tapy e os primos, nas pessoas dos macacos, mettido, com sua decima avó, nas folhudas choupanas da patioba.

Traduza, e espere-me lá com a bengala de Petropolis, seu capoeira! Então o senhor realmente faz uso do pau? Isto, no Arthur, é chalaça: elle e os seus patricios usam do pau, mas é em farinha. Não batem com elle: comem-no. Farinha de pau é que elles teem no cerebro e nos ossos.



VII

A snr.ª Mariana (tri) Pina[1]

Pina safa-se ganindo.

Eu tinha dito a este pobre homem de letras — affronta dos litteratiços de cutiliquê, uns que em Lisboa fazem folhetins por meias solas — tinha-lhe dito que não se escreve correctamente: «Tenho muito dó *de si*». E, no requinte da minha indulgencia com os inimigos miseraveis, chamei-lhe simplesmente alarve, e acrescentei com ingenua commiseração: «é incrivel que um pequeno que aos dez annos lia romances no collo das tias, sahisse tão adulta e descompassada besta». Pina, replicando, em-

[1] *Diario do Commercio* n.º 1:308.

praza-me para que lhe prove que errou escrevendo: «Tenho muito dó *de si*». D'esta pertinacia infere-se que o velho adagio: *Não dar já* por si, *nem pela albarda,* fez hypostase n'este litterato. Andam pelo ar, durante seculos, umas idéas abstrusas, uns proverbios disparatados, á espera da personalisação. Apparece um dia um homem e o adagio incarna-se n'elle: a providencia dos anexins faz um Pina para justificar a asneira. É elle. Não dá por *si* nem pela albarda.

E quer que eu lhe prove a ignorancia dos pronomes! Se eu ainda dava o escandalo de tomar a serio este gavroche com quem me divirto por necessidade das condições ruraes em que vivo e onde todo me preoccupo em estrumes e n'elle e nos homogeneos da *critica* do CANCIONEIRO ALEGRE! Parece ou fingem que me não perceberam ainda. Eu brinco com elles como Hoffmann com as figuras cartonadas dos seus personagens meio burlescos meio tragicos: com uma differença capital, que o author dos CONTOS bebia uma garrafa de Johannisberg para dar vida aos bonecos, embebedava-se; e eu aceito os bonecos que a natureza, o realismo já me envia bebedos.

Pina, o titanico sandeu, esfarrapado nas idéas e

nas locuções, a cheirar ao Torres do Collete-encarnado, e ao pat-chouli dos boudoirs da Salgadeira, esperaria que eu o tomasse a serio? É a maior injuria que elle poderia desfechar ao peito magnanimo com que me curvei sobre o barril dos impressos para o sacudir na ponta da badine. É uma indiscrição mexer no que fede, bem sei; mas o que me tem valido foi encontrar um publico afeito a uma litteratura sulphydrica, exhalações d'uns cerebros que, postos em comparação, deram ás sargêtas o conceito de perfumarias.

Propuz-me o vestir a cabeça de Pina com um resplendor de ridiculo; passar-lhe uma brocha de pez immortal pela cara, encarvoiçal-o para longo tempo, mas de modo que se riam commigo os leitores; senão, quem me perdoaria a deshonra e a immundicie de vergastar estes sujeitos latrinarios?

Laugh when I laugh, I sick no other fame,
... And scribbers are my game

dizia um genio olympico descendo a escorchar os Pinas de Inglaterra e Escocia.

Insiste pela prova do erro do pronome *si*. Que vá á escóla do visinho mestre de instrucção primaria, e

pergunte-lhe se um pronome pessoal da terceira pessoa póde empregar-se como pronome pessoal da segunda. O mestre, naturalmente, responde-lhe cavalgando-o; e, debaixo da influencia do velho Lobato e do acicate, leva-o á porta dos 6:500 assignantes do *Diario do Commercio,* e obriga-o a ornear uma satisfação pelas asneiras impressas e miasmaticas que lhes tem mettido em casa pelo cano do folhetim; e depois obriga-o outrosim a declinar os pronomes pessoaes a compasso de patas-toadas. (Não se póde dizer *palmas-toadas* com referencia a Pina). E elle resbunando resbunará:

N. SINGULAR	N. PLURAL
eu	nós
me	nos
mim	nosco
migo	

N. SINGULAR	N. PLURAL
tu	vós
te	vos
ti	vosco
tigo	

N. SINGULAR	N. PLURAL
elle, ella	elles, ellas
lhe	lhes

N. SINGULAR E PLURAL

se
si
sigo

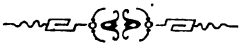
Feito isto, duas esporadas, e fazel-o lêr em voz alta no Martinho e na Casa Havaneza o seguinte trecho do seu folhetim:

«No seu tempo, os romances tinham nos capitulos inscripções como a que segue: *Onde o mestre sapateiro João Rodrigues Cambado apparece a conversar com sua mulher Jacintha Rosa e do mais que a seu respeito se disser*. Ora, actualmente já não servem estes epitaphios». Como Pina chama ás *epigraphes* epitaphios, ameace sepultal-o com epigraphe de vilipendio eterno que diga: *Elle não sabia os pronomes. A terra lhe seja leve como os miolos*. Se Pina, ainda assim não atirar aos quatro ventos do azul

o seu ullular de vergonha, convença-se o mestre-escóla que Desiderio Erasmo tinha razão quando escreveu no ELOGIO DA LOUCURA: «Não ha burro que se entristeça pelo facto de ignorar a grammatica».

Depois d'isto, desalbarde-o; e, inspirado do seu Tolentino, mande-o

Pastar longas campinas livremente.



VIII

O SNR. THOMAZ FILHO[1]

THOMAZ Filho! Começa logo por mentir no appellido. *Filho!* Quer-me parecer que elle não tem pai. E, se o teve anonymo e hypothetico, Gil Vicente, Antonio Prestes e Jorge Ferreira são quem á miude lhe dizem o nome da mãi. Este brazileiro, em nome dos escriptores brazileiros que eu não offendi, cheio de Fagundes e de cóleras de bebedo turbulento, envia-me as suas melhores inju-

---

[1] O CANCIONEIRO ALEGRE de C. Castello Branco, Rio de Janeiro. 1879. 8 pag. in-4.º

rias, escreve immortaes infamias, chasqueando com a inexoravel enfermidade que me acompanha desde a juventude, e vai ás enfermarias dos hospitaes buscar termos demonstrativos da minha incapacidade litteraria. Eis a critica de Thomaz Filho.

Diz, com tal qual razão, que eu não tenho estylo, porque não sou creador; ousa affirmar, contra a opinião geral da Europa, que eu não inventei a lingua portugueza; — todo mundo sabe que fui eu quem inventou a lingua portugueza. E manda-me estudar. Diz que trato a todos *de burros,* e evade-se sagazmente áquelle tratamento universal, atirando-me couces ás parelhas. Depois, para me ensinar a escrever, exhibe uns pedaços de estylo, com idéas brancas em locuções de preto babujadas de assucar e mamona. Pergunta-me se nunca acordei cedo, e depois diz: *Pois eu tenho por costume lavar-me* (parece que não é lá vulgar nos indigenas o lavarem-se), *vestir-me para comprimentar o sol, e si por essas horas V. aqui nos Brazis subisse a montanha e olhasse para o Oriente sorprenderia a natureza na lucta epica da luz... a côr avermelhada do amanhecer accentua-se n'uma linha horisontal e sobe, alarga-se como si na maré crescente uma onda de roseo-claro*

com o movimento do rolar calmo viesse invadindo a zona pallida do luar.

Isto pareceria obscuro a Calixto Eloy; mas elle, o doutor Liborio carioca, explica no periodo immediato:

A natureza estala n'uma fertilidade san e communicativa; percebe-se que a luz do sol vence e alarga-se n'uma obesidade rubra e satisfeita; que aquella symphonia monotona tem os claros e agudos de um clarim tocando a rebate no pateo de um quartel; a lua muita branca como um pedaço (d'asno, digo) *de pano crivado como que pára ou dissolve-se, e o sol rindo contempla-as com um olhar protector e amigo.*

Perceberam-no? Isto é claro como um mulato.

Ó snr. Thomaz, vossemecê sabe como se chama em Portugal uma fritada de farinha delgada, esponjosa, fôfa, feita com azeite e uns fios de mel? É uma *filhó*. O seu estylo é farinha de mandioca frita em filhó; e vossemecê em vez de chamar-se Thomaz Filho, deve chamar-se Thomaz Filhó; e assim chrismado, já ninguem lhe pergunta se tem pai, nem lhe acrescenta ao appellido o genitivo da qualidade materna.

Pergunta-me elle o que tenho creado, o que descobri com os meus livros.

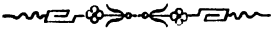
Com o CANCIONEIRO ALEGRE descobri-o a elle.

Pedro Alvares Cabral encontrou o Brazil; eu estou descobrindo os tolos de lá. Elle achou o selvagem nú, estreme, sinceramente boçal; eu descubro o caboclo Thomaz besuntado de litteratices francezas que lhe não modificam plasticamente a proeminencia dos ossos temporaes, a estreiteza dá testa, os angulos faciaes, o canto externo do olho convergindo para o nariz chato, a amplidão das ventas, a espessura carnuda dos beiços, a finura das pantorrilhas, a lucidez da pelle cobreada que esvurma catinga, uns longes de carapinha, e a indigencia da barba. A litteratura n'este tupinambá abriu-lhe valvulas por onde golfa a velha selvageria em ejaculações de quartel, cujos clarins lhe servem para descrever o apontar da aurora, e cujo calão lhe opulenta a lingua. Pedro Alvares Cabral, quando encontrou a avó de Thomaz Filho, não passou pelo dissabor de lhe ouvir a descripção da *luz do sol em obesidade rubra e satisfeita*. O botocudo seu predecessor appareceu na cabilda com um cocar de pennas amarellas, o acanguape, e uma tanga na cintura de plumagens de ema, e cascaveis nos arte-

lhos. Tinha no pescoço o collar dos dentes arrancados aos inimigos, o horrendo *ayucará*. Thomaz Filho falla-me com ardores canibaes dos meus *dentes de porcelana*. É o sangue tapuia a estuar-lhe nas arterias, a pedir dentes. O scelerado quer os meus dentes para um collar. Não, facinora, eu lhe juro pela carapinha da mocamba sua avó que não possuirá os meus dentes.

Depois d'isto, Thomaz Filho deputa e delega na bengala de Arthur a sua desforra.

É dar para baixo, seus márméladas! Ávança, minhás géntes!



A Critica Benevola

ADVERTENCIA

O Cancioneiro alegre foi recebido benignamente por alguns espiritos que apenas o accusaram de injusto com certos talentos magoados na sua inviolabilidade. Injustiça grave seria a do commentador do Cancioneiro se não ajuntasse aos oito aranzeis burlescos os serios e benevolentes artigos que lhe encareceram o quilate da sua obra ligeira, e mais apontada a fazer sorrir que a fazer impar de erudição o leitor infartado. Reproduzem-se, pois, as opiniões favoraveis, e protesta-se serenamente contra a arguição de injustiça que desluz a equidade de algumas d'essas apreciações.

Ernesto Chardron, Editor

CANCIONEIRO ALEGRE

DE

POETAS PORTUGUEZAS E BRAZILEIROS

COMMENTADO

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO

Um grosso volume, 1:200 reis

O espirito do mais brilhante e fecundo romancista que Portugal tem tido e terá talvez por muitos seculos, parece que remoçou n'estes ultimos tempos.

O snr. Camillo Castello Branco, em cujos labios não tanto a idade como os acerbos padecimentos physicos de que tem sido victima haviam apagado o riso — aquelle riso brincalhão e zombeteiro do antigo folhetinista dos jornaes do Porto — reapparece-nos hoje, no **Cancioneiro alegre**, desatando-se em caudaes de finissima graça, de modo a fazer-nos acreditar que por sobre o author do *Amor de perdição* não passaram os ultimos trinta annos.

É verdade que o snr. Camillo Castello Branco tem por vezes no **Cancioneiro alegre** um riso nervoso, sarcastico, que arripia e faz mal, e que tanto póde ser o protesto de uma alma indignada como a manifestação de um espirito irritado pelo soffrimento.

Todavia, n'essas occasiões, apesar de desapiedado, o snr. Camillo Castello Branco não é injusto.

Os seus commentarios alliam á fina graça e aos esplendores de um inimitavel estylo, uma critica tão sensata e tão justa, que os mesmos sobre quem o grande romancista dispára os seus sorrisos mais ironicos devem ficar-lhe agradecidos.

(Do *Sorvete*).

*

E' mais uma edição do incansavel e prestante editor Ernesto Chardron.

O commentador compila poesias de 59 authores, especialmente modernos, precedendo-as de graciosos e ligeiros remoques, em geral apoiados pela critica quasi mordaz de que tão vantajosamente sabe usar Camillo. No prefacio diz-nos este que — «quando se reformar o Curso superior de letras com todas as disciplinas indicadas urgentemente pelas necessidades da sciencia moderna, e se crear uma cadeira de Poesia patusça, este **Cancioneiro** será a selecta do curso». — O **Cancioneiro** é isto: um repositorio de versos chistosos, mas que se podem lêr sem perigo das almas puras.

De Gonçalves Crespo, por exemplo, cita-nos um soneto garoto, que é um *bijou:*

Quando canta a Maldonado
E os quadris saracoteia,
Não é mulher, é sereia,
Não é mulher, é o peccado.

Etc.

Até entre os poetas serios pôde encontrar o que quer que fosse para adornar a galeria! e, á maneira que apresenta aquelles fructos de varios authores, não se esquece de lhes ir fazendo uns retoques, á grammatica umas vezes, ao absurdo da idéa outras. Até nem esqueceu aquella celeberrima traducção do verbo *to deserve* com que um erudito glossologo (o qualificativo é do commentador do **Cancioneiro**) obrigou Hughes a desmerecer o nosso poeta Castilho (vid. o artigo correspondente).

A proposito de João Penha diz-nos que «deu ao soneto um *cachet* nacional, que elle nunca tivera desde a languidez petrarchista de Camões até ao *rufo de zabumba e caixa* dos sonetos bocagianos». — Os sectarios enthusiastas dos sonetos de Bocage vão ficar horrorisados! sonetos de zabumba é a qualificação mais estrondosa que se tem feito ás producções do author da *Pavorosa!*

Camillo só não encontrou em Herculano metrificação azada para entrar no **Cancioneiro.** D'este grande vulto diz de passagem, no artigo Garrett, estas desconsola-

doras palavras: — «Alexandre Herculano era de uma insulsez além da permittida ao escriptor publico». — Effeitos do mau humor, de certo. Tambem Garrett não passa incolume: do cantor de Camões diz que elle trouxe do exilio — «o anglicismo castiçado com a francezia, e colorido á portugueza com tintas sediças de Filinto».

Que nos venham agora chamar restaurador da litteratura patria ao author do *Frei Luiz de Sousa!*

Mas a parte mais typica do livro é quando se refere aos obreiros da *Idéa Nova.*

Haja vista o capitulo referente a Guerra Junqueiro. Até descobre que um *improviso* publicado em 1867 sob o nome do creador da *Morte de D. João* apparecera, tambem como improviso, com suas variantes em 1862 sob o nome de Luiz Carlos (que se diz ser o bacharel Luiz Carlos Simões Ferreira). Lapsos da *improvisação.*

Finalmente o **Cancioneiro alegre** é um livro que justifica perfeitamente o titulo, e revela os vastos conhecimentos litterarios do compilador. Muitos dos commentados é que certamente lhe não hão-de ficar agradecidos.

Em quanto á edição é esplendida.

(Do *Jornal da Manhã*).

O livro que sahiu agora, editado pela livraria Chardron, é notavel por muitos titulos, mas especialmente pelos commentarios que Camillo Castello Branco faz a cada poeta de quem transcreve versos. Não discutiremos as suas criticas, mas o que poremos em relevo é o chiste mordente das apreciações, o vigor de um estylo satyrico, que não tem nem terá rival entre nós. O livro compõe-se especialmente de poesias que fazem rir, e tem muitas dos melhores authores n'esse genero; mas o que deveras nos faz rir a bandeiras despregadas são as prosas de Camillo Castello Branco. Já demos em folhetim dous dos seus adoraveis commentarios. O artigo que elle consagra a um poeta extraordinario, Donnas Boto, é impagavel. Respigaremos aqui e além no livro folheado ao acaso, algumas phrases deliciosas.

.....

A melhor analyse que podiamos fazer do **Cancioneiro alegre** é a que resulta d'estes extractos. Por elles verá o leitor como são interessantissimos os artigos de

Camillo Castello Branco. Juntando-se a isto o serem excellentes algumas das poesias escolhidas, e curiosissimas outras, ineditas ou esquecidas, que o collecionador, com a paciencia investigadora que o distingue, e que já tem sido proveitosissima á archeologia e á historia patria, conseguiu descobrir, vêr-se-ha que o livro é um dos mais agradaveis de lêr que ultimamente se teem publicado.

(Do *Diario da Manhã*).

Sem possuir o dom prophetico, facil era assegurar, como em tempo assegurei ao editor, que o **Cancioneiro alegre** havia de ter successo ruidoso e produzir outras consequencias, por igual, ao mesmo senhor, assás jucundas.

Com sofreguidão identica á anciedade que mantive na espectativa do livro, venho de lêl-o de um folego; e, por tal modo agradavel me impressionou, que não posso deixar de registar a sympathica e substanciosa publicação, com que o editor vem enriquecer o peculio dos amadores de bons livros.

Não haverá paladar exigente que não encontre plena saciedade em tão opiparo festim.

Este livro não deixa nada a desejar, quer nos deliciemos com a prosa vernacula e correcta do eminente critico e estylista, quer nos deixemos inebriar nos variados especimens da mais aquilatada poesia.

Fazer acquisição do **Cancioneiro alegre** é mais do que rememorar os poetas que com prazer temos lido desde a infancia, nossos contemporaneos, ou de épocas não remotas; é tambem obter conhecimento de outros notabilissimos cultores das musas, geralmente desconhecidos, porque as obras d'estes constituem um thesouro, usufruido apenas por quem possue inestimaveis bibliothecas.

Diz o notavel commentador, a paginas 165:

«... quando no seculo XXI se restaurarem os mosteiros, a *Carta de Guia* de Theodoro de Sá Coutinho e Azevedo dará a este **Cancioneiro** uma extracção exorbitante».

Exorbitante assevero eu que será a extracção da actual e das que immediatamente lhe sobrevierem: e mais ainda me parece que não seria superflua a continuação de outros livros sob este mesmo plano, que além do fim a que alludo como bem preenchido, visam ao duplo intuito de propagar

quanto ha de mais primoroso em inspiração de vates, e de tornar frisante o facto de não ser a linguagem de Camões a que menos contribue para a gloria litteraria do orbe civilisado.

A 1.ª edição do **Cancioneiro**, já bem avolumada com 560 paginas, reserva sem duvida lugar na que proximamente se lhe seguirá, para outros poetas inspirados, posto não conhecidos por alegres, e tambem para alguns que mal despontam agora no horisonte litterario.

(Do *Commercio do Porto*).

Annunciámos já, e festivamente o fizemos, o apparecimento d'este livro notabilissimo, em que perpassam os que mais brilharam sob qualquer conceito, serio ou grotesco, no firmamento constellado de poetas portuguezes e brazileiros. Encarrega-se de apresental-os, a rir, sem dispensar-se por isso de ir dizendo cousas amarissimas, a penna douta e vernacula de Camillo Castello Branco.

É pensamento do illustre commentador que tudo o que nos alegra, poema ou tolice, é um raio da misericordia divina. E dá a razão do seu pensar em dizeres genuinamente portuguezes em que a elegancia da phrase ajuda a lima dos conceitos. Ouçamol-o:

«A seriedade é uma doença, e o mais serio dos animaes é o burro. Ninguem lhe tira, nem com afagos nem com a chibata aquelle semblante cahido de mágoas reconditas que o ralam no seu peito. Ha n'elle a linha, o perfil do sabio refugado no concurso ao magisterio, do candidato á camara baixa bigodeado pela perfidia de eleitores que, saturados de genebra e Carta Constitucional, desde a taberna até á urna, fermentaram a chrysalida de consciencias novas. O burro é assim triste por fóra; mas é feliz por dentro, e riria dos seus homonymos, se pudesse igualal-os na faculdade de rir, que é exclusiva do homem e da hyena, a qual se ri com umas exultações ferozes tão authenticas como as lagrimas insidiosas do crocodilo».

Lagrimas d'estas ou sorrisos d'aquelles não os ha n'um livro que seu author procreou para ser texto n'uma cadeira de Poetica patusca, em o Curso superior de letras chegando á devida perfeição. Certo que nem tudo o que lhe luz o toma a sua critica por ouro de lei, e nem sequer por pechisbeque, mas aos que lhe apresentam a droga prefere

mostrar-lhes, em vez d'um sorriso amoravel, candidamente satisfeito, um arripiar dos musculos faciaes acompanhado por uma phrase não menos arripiada.

Uma cousa que lhe faz perder a paciencia é a Idéa Nova, e não por ser nova, que já não encontrava d'isso no seu tempo Salomão, e mais era sabio, mas por lhe revelar os instinctos menos aceiados e nobres dos corvos e dos cães esfomeados, cevando-se em podridões. Bem sabemos que as modernas sociedades não são sociedades, são Lazaros putrefactos. Ha muito sarjar, retalhar e cauterisar, mas, por Deus, tambem o medico sarja, retalha e cauterisa, mas faz uso copioso do sabonete antes de entrar á convivencia de senhoras polidas e de homens de gravata lavada.

A poesia, como a comprehenderam os mais gentis espiritos que as idades teem produzido, póde alar-se aos céos com Milton, sumir-se no inferno com Dante, ser crente e piedosa com Lamartine, descrida com Voltaire e Byron, trovejar indignações na grande voz de Victor Hugo, ou rir-se maciamente dos ridiculos da humanidade, castigando-os, no estro de Molière. O que ella em maneira nenhuma póde, no sentir dos taes, é metter-se em atoleiros e vir de lá com perfumes que não são precisamente os d'agua de rosas, mas d'outras cousas, como o advertira Socrates.

Nem todos, como este philosopho, são senhores dos seus nervos, e Camillo Castello Branco, esse então é de uma susceptibilidade inexcedivel em topando cousa que o melindre. No trabalho a que nos vimos referindo por vezes põe de parte o estylete da critica, que belisca sem arranhar, para lançar mão do estadulho a varrer feira sem guardar testa nem olhos. A intenção applaudimol-a por excellente, mas permittimo-nos observar que nem sempre a justiça estará da sua parte. Ha ahi homens novos a quem não se póde recusar merecimento relevantissimo, embora não escolhessem o melhor caminho, ou o caminho que nos parece melhor. Guerra Junqueiro, por exemplo, que não ha-de ser apreciado por umas quadras que subscreveu, antes de ser o cantor da *Morte de D. João,* um poema em que lampejam, mais que os fogos fatuos dos cemiterios e dos esgotos, as deslumbrantes scintillações d'um talento superior. Deixal-os. Elles o lêem, elles o entendem, e lá lhe acharão o erro em lhes nascendo o dente do siso artistico. Se preferirem morrer impenitentes, não será com a espada que se convertam á lei do prophetá.

Depois, não faltam motivos para alacridades legitimas. Os Donnas Botos formigam. Quando um pobre diabo, que

não ousou nunca fazer declarações de guerra ás deidades terrenas, e que

Por isso de nymphas o parvo jejuava;

quando esse tal alteia o seu atrevido pensamento a enamorar-se das musas, a gente não se esquiva, por mais benigno que se seja, a aceitar as confissões favoraveis e a fazer-lhe o acolhimento d'Apollo ao novo rival de Camões:

Póde entrar, que não o empurro,
Nem me vem causar abalo;
Já cá sustento um cavallo,
Sustentarei mais um burro.

Pelo demais, ha nas prosas do **Cancioneiro alegre** lição de muito proveito. Humanisam-se os sem i deuses, tirando-lhes as aureolas postiças com que um fetichismo desarrazoado os divinisou. Apeiam-se os heroes dos seus pedestaes, para se lhes medir a palmos a estatura, e perfilam-se alguns talentos modestos que ahi andam derreados, levantando-os á altura em que devem mostrar-se quaes são, isto é, gente, e gente boa. Entre as reivindicações que lá se fazem, nenhuma nos parece mais justa nem mais devida do que a de dous nomes gloriosos, Claudio José Nunes e João de Deus. «Para assomos de razão e raptos d'alta philosophia o maximo poeta foi Claudio José Nunes; para os do coração é elle (João de Deus), o mestre de meninos que devia começar por onde acabou: primeiro ensinar a lêr o paiz; depois, publicar os seus deliciosos poemas».

Para muitos outros, para Anthero de Quental, Castilho, Manoel Duarte d'Almeida, Sousa Viterbo, Fernando Caldeira, Girão, Vidal, Palmeirim, Simões Dias, Gonçalves Crespo, etc., tem uma palavra e um sorriso acariciador. Aos demais, não lhes aconselha resignação, que não é homem para isso, mais insere a formula que lhes póde ser lenitivo se não encontrarem em si a consciencia do que valem. É de Paulino Cabral:

Se ás vezes traz a verdade
Algum dissabor comsigo,
Aquelle, que das que digo
Não mostrar nunca vontade,
Tenha ao menos por prudencia
Paciencia.

A edição é nitida quanto póde sel-o, e das melhores que teem sahido da casa editora Chardron.

(Do *Primeiro de Janeiro*).

O **Cancioneiro alegre** é uma collecção de versos, em que collaboram não só os nossos poetas modernos, mas alguns antigos e até do reinado de D. João II. A collecção é feita desordenadamente, sem rigor historico, sem a classificação, tantas vezes absurda e despotica, das escólas. Camillo Castello Branco foi-se ao jardim do nosso Parnaso e apanhou aqui e acolá as flôres com que formou o seu ramilhete e misturou as flôres d'estufa com as flôres do ar livre, e não só juntou folhas ás flôres, mas tambem hervas e urtigas.

Camillo Castello Branco não é o amador curioso, apaixonado, paciente, que vai pouco e pouco, socegadamente, formando o seu peculio. O **Cancioneiro alegre** não passa d'um pretexto para pôr ao sol o seu humorismo, umas vezes brilhante, outras vezes sarcastico, injusto, despedaçador. Elle não lhe importa que o leitor fique fazendo desagradavel conceito da penuria da nossa poesia juvenalesca e aristophanica; essa penuria compensa-a elle com os epigrammas mordentes, com as phrases picarescas da sua apreciação chistosa, do seu estylo nervoso e viril.

Chegado ao apogeu da sua grandeza litteraria, Camillo Castello Branco poderia ser um critico sereno, corrigindo com benevolencia os erros da mocidade impetuosa e os desvarios d'uma litteratura que procura fascinar sem lhe importar com os meios. A sua indole, porém, não lhe permittia este apostolado. Seria sacrificar o seu caracter litterario, se modificasse o seu espirito epigrammatico, tão rebelde a si proprio. Elle não anima, fere — e o sangue das victimas augmenta-lhe a ferocidade dos golpes.

As opiniões litterarias de Camillo não provém do exame reflectido, mas resaltam impetuosas como a chispa do ferro malhado. Muitas vezes essas apreciações apesar da vivacidade que nos deslumbra, são d'uma justeza irreprehensivel, mas outras vezes não passam do reflexo da paixão dominante.

Camillo Castello Branco deixou no esquecimento muitos poetas, que bem explorados dariam adoraveis paginas para o seu livro, e incluiu outros que deveram para sempre fi-

car no esquecimento, justo castigo dos ineptos que julgam subir ao altar das musas pela escada de corda d'uns versos impossiveis. Camillo Castello Branco fez como o snr. Sampaio, em vez de atirar com o habito de Christo a qualquer moço de fretes do Terreiro do Paço, atirou com o titulo de poeta a uns versistas indignos e obrigou assim Castilho e Garrett a darem o braço a meia duzia de refinados patetas. O soneto descriptivo a paginas 70 é uma cousa tão nauseabunda, que nem vale a pena dizer-se o uso que o leitor deveria fazer d'elle.

Pondo, porém, de parte os defeitos da classificação, pondo de parte o exagero de mordacidade critica que se nota em algumas apreciações, o **Cancioneiro alegre** é ainda assim um livro cheio de pujança, cheio d'uma *verve* inesgotavel. O espirito de Camillo sente-se remoçado n'esta lucta original. Dir-se-hia que escrevia nos impetos d'uma indomavel mocidade. A cada passo resaltam phrases d'uma graça ignorada na nossa lingua. O que fórma a parte verdadeiramente alegre do **Cancioneiro** não são os versos dos variados trovadores: é a prosa endiabrada, scintillante de Camillo, que vibra com a maxima facilidade todas as cordas da satyra.

Em Lisboa o livro tem feito sensação e citam-se com frequencia os ditos que mais provocam a hilaridade. Poderia citar-lhes muitos, a difficuldade está apenas na escolha.

Por ultimo, não deixarei de elogiar a edição, que tanto pela impressão como pelo papel é um verdadeiro primor.

O **Cancioneiro alegre** por todos os motivos, não será um livro que morra nas estantes dos livreiros, na mortalha pulverulenta da sua primeira edição.

(Do *Commercio Portuguez*).

O **Cancioneiro alegre** por Camillo Castello Branco, e a *Musa em férias*, por Guerra Junqueiro, são ainda dous novos livros que n'este momento se apregoam. O primeiro encerra paginas d'uma aggressão deliciosa, cheias de conceitos pitorescos e inesperados como as sabe escrever uma das organisações litterarias mais poderosas e mais individuaes das letras portuguezas; o segundo encerra versos como na verdade se não tinham ainda escripto em Portugal nos tempos modernos, e como raros se escrevem hoje, não na *peninsula*, mas na Europa.

É exactamente contra esta affirmação que o **Cancioneiro alegre** se ha-de revoltar: todavia a posteridade que é um supremo tribunal, muito mais recto que o da justiça, absolverá Camillo Castello Branco por ter escripto este livro em parte injusto, embora divertido, pela circumstancia attenuante de ter escripto umas dezenas d'elles manifestamente deliciosos e verdadeiros.

(Do *Occidente*).

Ha gloriolas ephemeras e escriptores de invejavel fama, que, á semelhança do arbusto exotico, não resistiriam á transplantação para outro meio. O nome de Camillo Castello Branco, pelo contrario, faria a gloria de qualquer nação. Os processsos litterarios, eminentemente modernos, a que subordina o thesouro inesgotavel da sua erudição, as opulencias ignoradas que elle arranca ao idioma portuguez, sempre renovado no laboratorio do seu robusto e fecundo engenho, a possante vitalidade, a serpentina elegancia do seu incomparavel estylo, illuminam um cyclo litterario e impõem-se á veneração dos posteros. Como o Anteo da fabula, o espirito de Camillo parece emplumar de novo sempre que pousa na terra. Ás vezes, no seu olhar de aguia accende-se o fulgor metallico da ironia, colhe as azas, e com o riso de Heine e de Byron na bocca satyrica, mostra as garras... Então... *sauve qui peut!* D'esse hilariante periodo, d'essa irrupção de mordentes epigrammas, nasceu a obra notavel que se intitula **Cancioneiro alegre**, que, salvo raras excepções, applica cauterios violentos, embora matizados com fina grangeia de uma *verve* scintillante! O empenho de dar ao livro a ridente vibração do bom humor fez com que o illustre commentador negasse entrada a muitos poetas melancolicos notaveis, e abrisse praça a outros, farçantes, funambulescos e desenxabidos como uma ostra crua! O valor, porém, o raro e transcendente valor do **Cancioneiro**, reside n'estes deliciosos commentarios, adjectivados com desusado brilhantismo, penetrados de ironia, que escalpellisam com buido estylete ou atiram braçadas de flôres, *sans rancune* e sem apotheoses fetichistas. A edição do **Cancioneiro alegre** é de Ernesto Chardron, o laborioso editor que tem já um credito insoluvel para com as letras portuguezas.

GUIOMAR TORREZÃO.

(Do *Almanach das Senhoras*).

Emquanto no theatro o desastre do *Hernani* traduz uma tentativa generosa e nobre, Camillo Castello Branco, Teixeira de Queiroz, Bento Moreno, Guerra Junqueiro, Oliveira Martins, affirmam no livro as suas poderosas qualidades de artistas, de poetas, de pensadores e de criticos.

N'esta resenha rapida das novas publicações, cabe por muitos motivos, o lugar de honra a Camillo Castello Branco: o grande romancista, o mais nacional e o mais original dos escriptores portuguezes.

Não podemos acrescentar infelizmente que entre os livros de Camillo seja o ultimo, — intitulado **Cancioneiro alegre** — dos mais sympathicos para nós.

Um homem como Camillo Castello Branco não se julga, todavia, por um dos seus livros.

Tem de partir de mais alto, tem de penetrar mais fundo a critica que houver de aquilatar o creador poderoso de tantos typos que ficaram immortalisados por um sôpro de genio.

Camillo pertence á familia rara de escriptores que sabem fazer vibrar com indizivel mestria as duas cordas predominantes do organismo humano: a corda do riso e a corda das lagrimas.

Como Dickens, com o qual o romancista portuguez tem mais de um ponto de contacto, Camillo sabe fazer chorar e fazer rir.

É este o seu triumpho, é esta a qualidade principal do seu talento, da qual derivam naturalmente todas as suas outras qualidades de estylo e de execução.

Camillo Castello Branco tem na voz todas as notas que vão da ineffavel melancolia das esperanças frustradas, ou das desoladoras saudades, até ao soluço ardente do desespero, e todos os risos, desde o bom riso jovial que os espectaculos burlescos nos desafiam, até a gargalhada sardonica em que se fundem todas as ironias, todas as reprovações e todos os castigos sociaes.

Esta serie de gradações, estes contrastes violentos dão á sua linguagem castigada e vernacula, á sua opulenta linguagem portugueza, um cunho individual e tão poderoso que em mais nenhum escriptor do nosso paiz se encontra.

Os seus livros tem um relevo, um calor, um pitoresco que é só d'elles.

Sabe desencantar palavras que rasgam as carnes como

180

CAMILLO CASTELLO BRANCO

HISTORIA E SENTIMENTALISMO

D. ANTONIO, PRIOR DO CRATO

EUSEBIO MACARIO

ROMANCE REALISTA

Um volume.... 800 reis

NOITES DE INSOMNIA

OFFERECIDAS

A QUEM NÃO PÓDE DORMIR

12 VOLUMES, 2:400 REIS

NO PRELO:

VESPERAS

VERSOS INEDITOS

POR

THOMAZ RIBEIRO

Um volume

1C177588